

Camponeses de Djaiane continuam a produzir

por Pedro Nacuo

N. 14/1/92

Os camponeses de Djalane, na cintura verde da capital provincial de Nampula, estão apostados a continuar a produzir apesar dos constantes ataques e saques da Renamo às suas áreas de cultivo. Conforme a nossa Reportagem testemunhou, a necessidade de não parar de produzir obriga-os a consentir todos os sacrifícios e, nalguns casos, tem custado a vida a alguns deles.

Djaiane, uma faixa de produção que se localiza na parte setentrional da cidade de Nampula, considerada o celeiro dos residentes da capital provincial que se prolonga para pouco mais de 30 quilómetros, tem sido nos últimos tempos, o alvo preferido dos ataques dos elementos da Renamo, nas suas incursões aos distritos de Nampula, Muecate e Mecubúri. A localização geográfica desta importante região, é entre estes distritos.

O ataque mais recente foi a 3 de Janeiro, quando um grupo de elementos da Renamo que fez uma incursão a Rapale, regressava da sua "faina" assassina e passando por Djaiane "limpou" os haveres dos produtores numa altura em que as culturas prometem um ano de relativa opotência. Os atacantes na sua passagem por Djaiane levaram panelas, sal, utensílios domésticos e, nos lugares onde não conseguiram estes artigos puseram-se a destruir as plantas ainda em processo de crescimento.

A nossa Reportagem esteve no "celeiro" da cidade de Nampula no passado sábado, onde para além de conversar com os camponeses testemunhou o desenvolvimento agrícola que, sem se ouvir falar dele, se impõe nas encostas das montanhas que se estendem pela maior parte da região noroeste da cidade.

Cereais, legumes, criação de animais de pequeno e grande porte entre porcos, galinhas, cabritos, patos,

também se criam em Djaiane, uma verdadeira aldeia nascida de dois factores que à frente veremos, que de todos os modos está ligada à maior parte dos residentes da cidade de Nampula.

CINTURA VERDE

Em contactos separados com os camponeses a produzir em Djaiane, viemos a constatar que a cintura verde nasce de dois factores que o sofrimento gerou. Por um lado a região começa a ser cultivada em consequência do êxodo rural, provocado pela guerra que fez deslocar milhares de camponeses, mormente dos distritos produtores de Mecubúri, Ribáuè, Lalaua e Malema. Por outro lado, o "aperto de cinto" que o Programa de Reabilitação Económica impôs aos moçambicanos, veio engrossar o número de cidadãos que demandam a suavização das condições extremamente difíceis que o momento exige.

A partir desse pressuposto muitos cidadãos, independentemente do seu grau e nível de posição social, foram ter a Djaiane. As matas foram destroncadas até estender-se o que hoje são nada mais nada menos que 25 quilómetros ininterruptos de machambas, cabanas e pessoas que aos fins-de-semana enchem os campos. Vai-se a pé, de bicicleta, carros e motorizadas e os sempre assíduos "chapa-500", e de regresso a hortaliça, a melancia, a abóbora, pepino e outros tipos de produtos da época.

Para ouvir as formas como as pessoas foram-se acotovelando naquela região, outrora desocupada, a nossa Reportagem abordou alguns camponeses: **Eu vim de Ribáuè, fiquei em casa do meu filho durante mais de dois meses. Vi que a vida era muito puxada e procurei saber dele se não havia nenhum sítio onde pudesse fazer qualquer coisa. Um seu amigo levou-nos até aqui. Desde que eu estou aqui há dois anos, nunca mais voltei à cidade. Porque a cidade para mim era apenas um refúgio e agora sinto-me em casa enquanto a guerra não acaba, disse um octogenário.**

Um outro que também fixou residência em Djaiane a partir dos mesmos problemas, disse-nos que

até o meu filho que vive na cidade teria graves problemas em casa se não fosse a produção que sai daqui. Falava ao lado de três netos que a difícil vida cidadina obrigou o funcionário das Finanças a mandar os seus filhos à machamba durante o período de férias a viver com o avô, lá onde nada se compra.

TRANSPORTE: O PROBLEMA DOS PRODUTORES DE DJAIANE

A picada já é comparada com as estradas de terra batida que ligam a capital provincial a alguns distritos. Não nos foi possível ainda saber quem se encarrega pela manutenção da mesma. Sobre os rios Monapo e Muetássi não há pontes, apesar de se tratar de rios que justificariam pelo menos alguma ponticula. Mas os homens interessados na riqueza da terra de Djaiane descobriram locais onde os tractores, carros e motas passam sobre rochas, mesmo em plena estação chuvosa como agora.

Mas como cada um chega à sua machamba, eis o problema do dia a dia. **Eu mais dez colegas, temendo as constantes "visitas" da Renamo dormimos na cidade, mas diariamente viemos no tractor do senhor Sevene, que nos leva sem exigir nada, mas com o compromisso de um dia de cada semana, e acordamos que seja aos sábados, trabalhar na sua machamba, explicou-nos um antigo trabalhador da TEXMOQUE.**

Outros gastam diariamente 1 000 meticais em "boleias" dos "chapa-500" que igualmente não são raros por aquelas bandas. Mas aos sábados quase que não se paga, porque as boleias são tantas, muitos funcionários públicos, certos chefes de sectores e direcções governamentais também vão a Djaiane, ou para ir controlar o trabalho da "sua" gente ou para ir moralizar dando uma maõzinha com a enxada em riste.

Venham atacar-me tantas vezes quantas puderem, eu não deixo a minha produção de qualquer maneira, por isso todos os ataques acontecem enquanto eu estou aqui, posição da maioria dos camponeses que fizeram de Djaiane a sua residência e, por causa disso, é de aventar a hipótese de a cidade de Nampula não vir a esperar sempre por Malema, Ribáuè, Lalaua e Mecubúri para a sua sobrevivência, sobretudo enquanto a guerra que fez sair daqueles distritos os seus habitantes ainda continuar. Djaiane é a alternativa.